

## KALUNGA É MESMO A MORTE - O MAR REPRESENTANDO O COLONIZADOR - CONSIDERAÇÕES SOBRE *NÁUSEA* DE AGOSTINHO NETO

Celiomar Porfírio Ramos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é realizar considerações acerca do conto *Náusea* de Agostinho Neto, observando representação/personificação do colonizador por meio do mar, tendo em vista a íntima ligação das águas salgadas com o processo de colonização de Portugal para com os países africanos de língua portuguesa. Vale ressaltar que procuramos estabelecer relações nas considerações entre o contexto histórico-social e o texto literário, haja vista que o contexto influi na produção literária. Para isso, utilizamos a teoria de Abdala (1989), Macêdo (1999), Mourão (1978), Candido (2006) e outros autores pertinentes à análise.

**Palavras-chave:** Mar; Representação/personificação; Colonizado; Exploração.

**Abstract:** Abstract: The purpose of this article is make considerations about the tale *Nausea* of Agostinho Neto, noting the embodiment of the colonizer by the sea, in view of the close connection of salt water with the process of colonization from Portugal towards the African Portuguese-speaking countries. Noteworthy, we seek to establish relations in consideration of the socio-historical context and the literary text, given the context influences the writing. For this, we use literary criticism of Abdala Jr. (1989), Macêdo (1999), Mourão (1978), Candido (2006) and other relevant authors to the analysis.

**Keywords:** Sea; Representation/embodiment; Colonized; Exploitation.

### A Literatura de ênfase social

Ao ler o conto “Náusea” de Agostinho Neto somos surpreendidos com a riqueza de informações e os múltiplos temas que podem ser evidenciados. Essa é uma das características do texto literário. Paz (1976, p. 112), trata sobre a plurissignificação do poema, porém podemos adotar tal compreensão para o texto literário de modo geral. Afirmando que esse tipo de texto em suas momentâneas combinações revela-se, sem jamais revelar-se completamente.

A partir de então, é possível assegurar que não há uma completude na interpretação de um texto literário. Ele sempre estará por revelar algo mais, algo além do que está sendo visto, logo, permite múltiplas significações e, por isso, é impossível alcançar a significação última, a compreensão final, ela sempre escapará, sempre estará passível de novos olhares.

Barthes (2004, p. 4), assim como Paz (1976), compreende que o texto é um espaço de dimensão múltiplas significações:

---

<sup>1</sup>Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, área de concentração Estudos Literários/Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – Mato Grosso [celiomarramos@hotmail.com](mailto:celiomarramos@hotmail.com). Artigo apresentado para avaliação da disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual de Mato Grosso.



Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, soldas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2004, p. 4) (grifos nossos)

Valery (1999, p. 200) ao tratar sobre dimensões múltiplas do texto literário, denominando-a de incompletude, entende que as palavras, segundo a perspectiva literária, alcançam um novo valor sobrepondo ao significado finito, pois deixa de ter um sentido uno para ser plurissignificativo.

Considerando a afirmativa exposta acima, este trabalho visa realizar algumas considerações sobre o conto “Náusea”, enfatizando o mar como representação do colonizador. Para dar suporte teórico às considerações a serem realizadas nos valeremos de Abdala (1989), Macêdo (1999), Mourão (1978), Candido (2006) entre outros teóricos que são pertinentes à pesquisa.

Antes de tratar propriamente da representação do mar na análise do texto literário, faz-se necessário entender um pouco sobre o fazer poético de Agostinho Neto e o contexto histórico-social de produção, bem como, sobre as literaturas africanas, de modo geral, pelo fato de compreendermos que a literatura é um espaço cúmplice da história.

O texto literário pode assumir diferentes perspectivas dependendo do foco que lhe é dado, ora pode ser visto como algo para divertir a sociedade, ora como registro histórico social e ora como instrumento que visa modificar a realidade, afirma Cândido (2006).

Uma característica não exclui, necessariamente, a outra. O que acontece, na maioria das vezes, é a predominância de uma delas. O fato de o texto literário não ser apenas para diversão nos chamou atenção, pois se observamos de maneira atenta veremos que ele, por ser construído em um contexto histórico-social, apresenta em sua composição fatores históricos, conflitos e conquistas de uma determinada sociedade. Isso se deve ao fato de ele ser resultado da soma da ficção e a realidade, segundo afirma Sainte-Beuve o escritor literário não é “um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade” (SAINTE-BEUVE, *Apud* CANDIDO, 2006, p. 28).

Cândido (2006, p. 13 e 14) ao tratar sobre o tema afirma que há muito tempo existe uma discussão sobre o fato de a obra expressar ou não aspectos da realidade.



Houve críticos que acreditavam que o valor da obra dependia de ela expressar ou não aspectos da realidade, pois era considerado essencial. Posteriormente, segundo Cândido essa percepção foi alterada se opondo a versão anterior, o que passou a merecer destaque foram as operações formais “as operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamento, sobretudo social, considerando inoperante como elemento de compreensão”<sup>2</sup>.

Cândido (2006) afirma que para compreender uma obra literária deve-se considerar o texto e o contexto em uma concepção dialética, uma vez que no processo de criação do texto literário há influência do externo, ou seja, o social para a formação da estrutura, e do interno, a percepção do autor, como infere: “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CÂNDIDO, 2006, p. 14).

Baseando-se na visão de Cândido, citada acima, é possível concluir que a obra literária, segundo seu ponto de vista, possui elementos da realidade, usa componentes histórico-sociais em sua estrutura. A partir desse princípio, em especial, tendo como base seu texto de crítica literária *Literatura e Sociedade* (2006), procuraremos tecer as considerações.

Partindo da discussão de Cândido observa-se que a arte assumiu um papel na dimensão social, haja vista que passou a tratar fatores históricos, em certa medida, representando a realidade, mesmo que permeada pela ficção. Muitas vezes, essa representação da realidade não é algo gratuito, tem a finalidade de criticar aspectos sociais. Os escritores que assim produzem suas obras são denominados de engajados.

Hauser (1978, p. 139 *apud* ABDALA 1989, p. 135), ao tratar sobre essa literatura, afirma que os escritores engajados tendem a focar sua realidade social, à vida de seu tempo:

[...] eles compreendem a linguagem das massas de homens de sua época. Então, portanto, em condições de compreender essa linguagem, a interpretar, de lhe dar uma forma – sobretudo isto, dar-lhe uma forma -, exercendo uma espécie de xamanismo, quer dizer, de passagem para a linguagem audível, de uma mensagem que, na orem pode ser titubeante, informe, apenas anunciado, e que chega ao intérprete, ao mediador, golfadas, por arranques, por aspirações. Jamais um termo foi tão justo: receber a mensagem dos movimentos humanos, verificar a sua presença, definir, descrever, a sua atividade coletiva. Eu creio que nisto, nesta verificação da presença, neste assinalamento da atividade, se encontra nossa época o papel do escritor

---

<sup>2</sup> (CÂNDIDO, 2006, P. 13)



A literatura de ênfase social é, para nós, uma vertente que nos atrai de maneira especial pelo fato de representar, em certa escala, a problematização político-social de determinada sociedade. Segundo Abdala (1989, p. 14) uma das características da literatura engajada é trazer marcas ideológicas que remete ao autor e à sociedade apresentando marcas apelativas visando sensibilizar o leitor.

Cândido (2006) afirma que a arte, sob a vertente dos sociólogos modernos, de modo geral, é social/engajada e apresenta dois pressupostos que justificam tal afirmação:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento de valores sociais. Isso decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (CÂNDIDO, 2006, p. 30)

Essa vertente da literatura é um tanto instigante, pois procura, por meio da arte, influenciar a sociedade - ora de maneira exposta ora de maneira velada - fazendo com que ela pense sobre a estrutura social e que não aceite passivamente as ações impostas, ao contrário, tome posicionamento.

Algo que merece ser ressaltado é o fato de a literatura engajada retratar, em grande escala, as pessoas que vivem à margem da sociedade, dando voz através da arte, àquelas que não possuem voz e vez.

Se tivermos em mente o exposto veremos que o processo criativo de Agostinho Neto, sua escrita, não é meramente, expressão de uma individualidade, porém de uma coletividade, trata-se de uma produção que pode ser entendida como engajada, pois Silva (2013) afirma, categoricamente, que na produção de Neto há uma busca constante de denunciar os sofrimentos que são frutos da colonização portuguesa, bem como exaltar a identidade africana.

### **KALUNGA É MESMO A MORTE: Considerações sobre o conto**

Há por meio do texto literário em análise – *Náusea* – um resgate histórico da memória do personagem principal, João, que através do regresso ao espaço físico que pertenceu é levado a um passado doloroso. Ao ficar frente a frente ao mar, neste contexto, é como se o personagem ficasse frente a frente ao seu principal algoz, o colonizador. Isso se deve ao fato de que o mar, aqui, é a personificação do colonizador, pois foi através dele que Portugal “conquistou” suas colônias.



O conto “Náusea” apresenta em seu enredo a história de João que vai visitar seu irmão doente. Após o almoço com a família o velho – como, às vezes, é chamado João – sai com o sobrinho a caminhar pela praia. O contato com o mar faz com que João tenha um regresso ao passado por meio da memória, conforme é possível observar em:

[...] depois do almoço, um bom almoço em boa paz familiar, onde tudo se esqueceu, exceto a alegria de viver e a boa pinga, o velho saiu com o sobrinho, a arrastar os pés pela areia quente da praia, deixando-se mesmo molhar, com a alegria infantil, por uma ou outra onda mais comprida. Evocava os seus já distantes tempos de miúdo, quando era apenas o filho mais novo dum pescador (NETO, 1980, p. 53)

Observa-se que esse regresso traz informações relevantes à análise. Uma dessas informações diz respeito ao seguinte fragmento do texto acima: “[...] depois do almoço, um bom almoço em boa paz familiar, onde tudo se esqueceu, exceto a alegria de viver e a boa pinga [...]”<sup>3</sup>. O fato de João estar com a família, naquele instante, o fez esquecer tudo. O esquecimento em questão faz menção, de maneira indireta, à realidade que o assolava dentre elas ao fato de ser subjugado a colônia - Portugal; a Guerra Civil Angolana pelo poder após a independência da colônia<sup>4</sup>, em 11 de novembro de 1975, conforme afirmam Cassule & Boio (2012):

Logo depois da declaração da independência iniciou-se a Guerra Civil Angolana entre os três movimentos, uma vez que a FNLA e, sobretudo, a UNITA não conformaram nem com a sua derrota militar nem com a sua exclusão do sistema político. Esta guerra durou até 2002 e terminou com a morte, em combate, do líder histórico da UNITA, Jonas Savimbi. Assumindo raramente o caráter de uma guerra “regular”, ela constituiu no essencial de uma guerra de guerrilha que nos anos 1990 envolveu praticamente o país inteiro. Ela custou milhares de mortos e feridos e destruições de vulto em aldeias, cidades e infraestruturas (estradas, caminhos de ferro, pontes). (CASSULE & BOIO, 2012, p. 9)

Observa-se que a independência não foi, de imediato, um alívio para o povo angolano, pois após ser subjugado pelo colonizador, a Guerra Civil Angolana marca um momento devastador no país.

Nota-se que não é mencionado datas no conto, todavia, isso não impede que haja uma marcação histórica, conforme a perspectiva analisada.

Outro fator presente no texto literário supracitado que merece atenção é o Velho João se deixar ser molhado pelo mar evocando, assim, seu passado, seu tempo de infância quando era, “apenas o filho mais novo dum pescador”<sup>5</sup>. Ao mencionar esse

---

<sup>3</sup> Idem

<sup>4</sup> A guerra interna entre os movimentos que se tornaram partidos políticos em Angola pelo poder: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA); Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA); e União Nacional para Independência de Angola

<sup>5</sup> idem



fragmento nos faz crer que há ora uma nostalgia do tempo em que era criança, quando não tinha consciência dos fatos que estavam a ocorrer. Outra possível leitura, a mais pertinente à análise, trata-se de um paralelo feito entre o antes e depois da colonização de Angola pelos portugueses. O fragmento a seguir comprova, em termo, o pressuposto acima:

[...] Evocava os seus já distantes tempos de miúdo, quando era apenas o filho mais novo dum pescador. Tinham-se passado anos. Preferia carregar sacos às costas por conta de brancos da baixa a morar na cubata de latas de petróleo de Simba Kimongua. Mas se fosse agora! Ficaria embora na ilha; a pescar e a sentir o mar. (NETO, 1980, p. 54)

É possível entender o paralelo existente pelo fato da voz narrativa apresentar a realidade vivida há tempos, quando João era apenas filho dum pescador, logo, onde aparenta predominar a tranquilidade e o mar não oferta nenhum risco e/ou percepção negativa, ao contrário, oferece vida e alimentação ao povo angolano.

Outra vertente do paralelo é após a colonização quando o mar não é visto com bons olhos, por ser apresentando como o algoz. A proposta é que o mar, aqui, representa o colonizador. Apesar de o vocábulo “mar” não ser citado de maneira direta, a presença dele é inquestionável no fragmento citado, sob a perspectiva negativa, pois é possível identificar traços da colonização e da dominação do colonizador, bem como, algumas consequências da colonização dentre elas viver explorado pelos brancos; ser obrigado a morar no musseque, conforme observa-se no fragmento do conto: “[...] Preferia carregar sacos às costas por conta de brancos da baixa a morar na cubata de latas de petróleo de Simba Kimongua [...]”<sup>6</sup>, demonstrando, assim, que é impossível fugir da influência do colonizador, nos bairros ou no musseque.

Posteriormente a voz narrativa afirma “[...] mas se fosse agora! Ficaria embora na ilha; a pescar e a sentir o mar”<sup>7</sup>. Nota-se que dentre os infortúnios que o colonizador proporcionou, João entende que se fosse agora ficaria na ilha. A última frase do período exposto acima chama atenção, pois agora, João preferiria pescar e sentir o mar. O termo “sentir o mar” não se refere, segundo a leitura realizada, apenas aos aspectos físicos, mas sentir é, também, enfrentar e/sentir as conseqüências do mar/colonizador ali, junto a seu povo.

Considerando a obra “A Sociedade Angolana através da literatura” (1978), de Fernando Augusto Albuquerque Moura, que apresenta o movimento literário de Angola

---

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> Idem



enfazando, em especial, as décadas de 30, 40 e 50, trazendo um panorama do processo de criação literária. Além disso, aborda aspectos históricos relevantes, dentre eles a separação dos negros (colonizado) e brancos (colonizador). Essa dicotomia, segundo Moura (1978), é uma das principais preocupações do colonizador: “A preocupação de trilhar o caminho do desenvolvimento e do progresso de Angola, sem que seus habitantes, brancos e negros se misturem e se fundam” (MOURA, 1978, p. 20).

Como se pode observar é defendida uma separação entre negro e o branco / colonizado e colonizador. Isso porque o colonizador se considera superior o que, conseqüentemente, proporciona um processo de marginalização do negro, especialmente, quando chega um número expressivo de europeus na colônia angolana modifica, então, a estrutura social, conforme sintetiza Mourão:

A pequena burguesia negra com posição subalterna na administração e, no comércio a par de outras, vai perdendo essa posição que, agora, os brancos chegados em larga escala à colônia passam a disputar. Indagando a esse respeito vários moradores de Luanda, à época estudando na Universidade de Coimbra, esclareceram que boa parte de seus conhecidos que, no tempo dos pais, viviam nos bairros residenciais da época, com o advento do processo de marginalização econômica passaram a morar nos musseques, ou melhor, nas famosas favelas de Luanda, onde predominam as construções de madeira. (MOURÃO, 1978, p. 25)

Foram apontadas, aqui, apenas algumas das inúmeras conseqüências do processo de colonização e exploração dos angolanos, dentre elas a exploração e a marginalização que foi dada ênfase no texto apresentado por Moura.

Posteriormente é apresentado, por meio da voz narrativa, mais detalhes sob a percepção do velho João para com o mar, conforme é possível observar a seguir:

[...] velho João já olhada de novo a areia e monologava intimamente: Mu'alunga. O mar. A morte. Esta água! Esta água salgada é perdição. O mar vai muito longe, por aí fora. Até tocar o céu. Vai até à América. Por cima, azul, por baixo, muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões (NETO, 1980, p. 53/54)

Nota-se que cresce, gradativamente, a percepção sobre o mar. É como se o mar fosse tomando proporções maiores e, ao mesmo tempo, João tomasse consciência dos malefícios do mar/colonizador.

É por meio do mar que o colonizador “dominou” as colônias. O processo de colonização tornou-se sinônimo de morte no contexto em análise, não sendo visto com bons olhos, ao contrário, o mar é tido no texto como perdição. Corroborando com tal posicionamento, Macêdo, (1999) afirma que o mar tem o seguinte significado para o povo angolano “O mar é [...] identificado aos navios e às desgraças da colonização,



entre as quais avulta ao tráfico negreiro e, portanto, é caracterizado como inimigo” (MACÊDO, 1999, p.54)

Vale ressaltar que a dominação do mar, conforme afirma a voz narrativa, não abrange apenas aquele território: “[...] vai muito longe, por ai fora [...] vai até a América”<sup>8</sup>, apresentando o poder do mar/colonizador que não se restringe apenas a uma região, mas o poder/domínio abrange diferentes continentes.

Ao analisar o texto literário de Agostinho Neto em questão é possível observar, ainda, que o fator negro subjugado ao branco é exposto pela voz narrativa de maneira metafórica, como é possível observar em “por cima azul”<sup>9</sup>, sendo o mar personificação do colonizador, é possível compreender que ele está por cima, enquanto isso, “por baixo, muito fundo, negro”<sup>10</sup>, apresentando, assim, o negro subjugado, marginalizado pelo colonizador, por estar sob ele. Entende-se que a diferença entre colonizador (azul) e colonizado (negro) não é superficial/pouca, tal pressuposto se confirma ao observarmos o fragmento “por baixo, muito fundo”<sup>11</sup>.

Após a voz narrativa enfatizar que o mar é, em termos, sinônimo de morte, o personagem João enumera alguns casos próximo de morte, demonstrando que todos estão sujeitos a realidade imposta pelo mar/colonizador:

[...] o primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água. Kalunga. Depois vieram os navios, saíram navios. E o mar é sempre. Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é kalunga. O inimigo é o mar (NETO, 1980, p. 54)

É possível observar no final do período citado que há uma conclusão parcial de todas as mazelas sociais, de todas as mortes, o mar é o principal inimigo. Além disso, é considerado como o principal meio de ligação entre o povo angolano e o colonizador. Ao enfatizá-lo sob tal vertente é possível afirmar, com base em Silva (2013) que a voz narrativa tem a finalidade de explorar os danos históricos causados pelo mar/colonizador instigando a revolta:

Na tentativa de explorar o universo que lhe causou danos históricos, a utilização do mar como cenário, cúmplice ou personagem na literatura reproduz o desconforto do africano ao encarar as agressões que os antepassados viveram e também visa estimular a revolta e o desejo de reencontro com seu eu nacional (SILVA, 2013, p. 3)

<sup>8</sup> NETO, 1980, p. 54

<sup>9</sup> Idem

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> Idem





Segundo Macêdo (1999, p. 50), enumerar as mortes causadas pelo mar é uma das maneiras da voz narrativa provar os malefícios proporcionados pelas águas salgadas.

O mar, outra vez enfatizado, representa segundo a voz narrativa a morte, não se trata apenas da morte física, como a do primo Xico, mas a morte da cultura e identidade angolana. Quando se diz a morte da cultura, não temos a finalidade de afirmar a extermínio da cultura, mas a sua hibridização, pois a cultura que era apenas<sup>12</sup> angolana, passa pelo processo de hibridização com a cultura do colonizador, tornando-se híbrida.

Se analisarmos, atualmente, nenhuma cultura está livre de influenciar e ser influenciada por outra(s). Sendo assim, é possível afirmar, com base em Canclini (2013) que a cultura, hoje, pode ser considerada híbrida. Vale ressaltar que tal processo não é a mistura de duas ou mais culturas, mas sim, “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013, p. 09).

Pode-se dizer que há na hibridização uma junção de duas ou mais culturas, ocasionando não uma mistura, mas uma terceira cultura e/ou identidade, o que Bhabha (2010) denomina de terceiro espaço.

Muitas vezes, a cultura era compreendida como “pura”, ou seja, não sofria influências de outras. Entretanto, com a percepção de hibridismo e, conseqüentemente, o surgimento do terceiro espaço coopera para desmitificar a pureza cultural, conforme afirma Canclini (2013).

Esse processo de hibridização, influência de maneira significativa no que diz respeito a identidade, a fim de reestruturá-la, pois conforme Bhabha (2001) ao tratar sobre a cultura, hoje, vivemos no “além”, considerando a hibridização, poderemos concluir que estamos num processo constante de reestruturação da identidade:

O “além” não é nem um novo horizonte, nem o abandono do passado... [...] encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferentes identidades, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante [...] (BHABHA, 2001, p. 19)

---

<sup>12</sup> O termo “apenas” aqui não tem a finalidade de afirmar que a cultura africana era livre da influencia de outras culturas



A partir do pressuposto de Bhabha, somos levados a refletir que a identidade e a cultura de um povo não é algo estanque, mas está em um processo de constante reestruturação e/ou negociação, ora de maneira consensual ora de maneira conflituosa.

A hibridização no contexto vigente acontece de maneira conflituosa, o colonizador visa dominar. Silva (2013, p. 5) afirma que o processo de hibridização, no que se refere ao povo angolano, acontece de maneira violenta e o mar tem papel de elemento que proporciona agressões e traumas, logo, é posto como inimigo.

A escravidão é um dos temas mencionados em “Náusea”, sendo possível observar tal afirmativa no seguinte fragmento do texto: “[...] o mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é kalunga. O inimigo é o mar” (NETO, 1980, p. 54).

O trabalho escravo é entendido como consequência e/ou fruto das ações do mar/colonizador, pois sendo ele inimigo, visa explorar, não se preocupando com o bem-estar do colonizado, ao contrário, escraviza-o e o deixa subjugado a suas ordens. O colonizado não possui forças suficientes para se opor aos desejos do mar/colonizador, como é possível observar no fragmento a seguir: “[...] Velho João lembrou-se de que uma vez o mar estava muito furioso, mas nunca ninguém se levantou contra ele [...]”<sup>13</sup>.

O mar/colonizador aqui se apresenta sempre furioso. Isso é possível inferir, pois houve uma vez o que “o mar estava **muito** furioso”, o advérbio de intensidade “muito” visa intensificar algo que já está a acontecer, neste contexto a fúria do mar/colonizador. O mar furioso ocasionava aos colonizados experiências desagradáveis, algumas delas são citadas, como é possível observar a seguir:

[...] kalunga matava e o povo ia chorar vítimas nos batuques. Kalunga acorrentou gente nos porões e o povo apenas teve medo. Kalunga chicoteou as costas e o povo só curou as feridas. Kalunga é a fatalidade. Mas por que foi que o povo não fugiu do mar? (NETO, 1980, p. 54)

Apesar de os angolanos serem subjugados ao colonizador, é apresentado no texto acima, a força do povo africano, pois mesmo não tendo armas que sejam suficientemente efetivas para lutar contra o mar/colonizador, eles apresentam certa resistência, não se entregam. A cada ação do mar/colonizador/kalunga há uma reação para que eles, os africanos, permaneçam em pé, mantendo sua cultura, mesmo que ela já tenha sofrido o processo de hibridização, resistindo a força opressora; quando o mar/colonizador/kalunga mata, o povo africano chora as vítimas no batuque,

---

<sup>13</sup> Idem



combatendo a força opressora e demonstrando que ainda há vida/cultura angolana; quando preso nos porões o povo não recua, apesar do medo, permanece; quando chicoteadas as costas o povo só curou as feridas.

Para finalizar a análise do período citado a voz narrativa afirma que “kalunga é a fatalidade”<sup>14</sup>. O termo Kalunga representa o colonizador, o mar. A exploração é uma circunstância marcada pelo impossível de se evitar, pois o processo de exploração/explorado é presente em toda a sociedade que há colonizado e colonizador, conforme afirma Fanon (1979):

Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar seu cérebro de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-, desfigura-o, aniquila-o (FANON, 1979, p. 15)

Há uma resposta - “kalunga é a fatalidade”<sup>15</sup> - e, posteriormente um questionamento - “Mas por que foi que o povo não fugiu do mar?”<sup>16</sup>, proporcionando assim uma inversão da ordem, como se houvesse uma sina a ser seguida, considerando a resposta dada no próprio texto é impossível fugir, pois trata-se de uma fatalidade, aquilo que não consegue evitar marcado por uma infelicidade<sup>17</sup>.

A voz narrativa não vê com bons olhos nem mesmo o progresso proporcionado pelo mar/colonizador, conforme é possível observar a seguir:

Kalunga é mesmo a morte. Trouxe o automóvel e o jornal, a estrada e o fecho *éclair*, mas para ficar embora ali ao pé da praia a fazer negaças. Ninguém sabe o que está no fundo do mar. Kalunga brilha à superfície, mas no fundo o que há? Ninguém sabe. (NETO, 1980, p. 54)

A voz narrativa não deixa dúvidas no que diz respeito ao fato de que o mar/colonizador, não é visto com bons olhos, isso é possível inferir por meio da afirmação: “Kalunga é mesmo a morte”.

Kalunga/mar/colonizador segundo consta foi portador de muitas novidades, representando, em certa escala, a modernidade. Enquanto isso, a colônia o atraso. Todavia, vale ressaltar que a inserção da modernidade na colônia é, apenas, uma forma de conquistá-la e mantê-la sob domínio. A priori aparenta ser boa a posição do colonizador ao procurar modernizar a colônia, porém, é improvável e/ou impossível saber quais são as verdadeiras intenções dele, conforme podemos observar no seguinte

---

<sup>14</sup> Idem

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> Tal definição baseia-se no seguinte dicionário: [www.dicio.com.br/fatalidade](http://www.dicio.com.br/fatalidade)



trecho selecionado: “Ninguém sabe o que está no fundo do mar. Kalunga brilha à superfície, mas no fundo o que há? Ninguém sabe”<sup>18</sup>.

Há influência do mar/colonizador em todos os lugares de Luanda, tal afirmativa é possível, pelo fato do termo mar ser substituído pelo vocábulo água, alcançando, assim, uma dimensão maior: “as casas de latas de petróleo, lá do Samba Kimôngua, deixam passar a água quando chove”<sup>19</sup>. Com a afirmativa supracitada observa-se que o mar/água representa o colonizador e sua influencia está em toda Luanda, até mesmo no musseque, nem seus moradores deixaram ser influenciados pela cultura do colonizador, pois a cultura africana está permeada pela cultura do colonizador, pelo fato de ter se tornado híbrida. Entretanto, podemos observar que há, por meio da literatura, uma reclamação da construção de uma identidade cultural, via a resistência dos negros, conforme afirma Ferreira (1989):

A tomada de consciência do papel subalterno que esta elite (africana) ocupava foi germinando e acabou por ser afirmar através da construção de uma literatura que reclama para si uma identidade cultura e uma consciência nacional (FERREIRA, 1989, p. 31/1 *apud* FERNANDES, s/d, p. 40)

No fragmento que sucede há a depreciação, a perda de valor do povo angolano, conforme é possível constatar: “[...] A civilização ficou embora ao pé da praia, a viver como kalunga. E kalunga não conhece os homens. Não sabe que o povo sofre. Só sabe fazer sofrer” (NETO, 1980, p. 54). Segundo afirma Caetano (2007, p. 3), o objetivo do colonizador é destituir o angolano de suas terras, mas também sua memória cultural impondo, assim, o sentimento de inferioridade e, conseqüentemente, mantendo a exploração.

Nota-se que a princípio o angolano é chamado de *civilização*, pois sob a influência do colonizador procura imitar seus costumes e, por isso, é assim considerado. Todavia, Kalunga/mar/colonizador não conhece os *homens* angolanos, não os entende como homens, mas como seres inferiores e subalternos. Por fim, os africanos são definidos como *povo*. O termo povo pode ter diferentes significados, mas no contexto em análise, o mais apropriado é “conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre, à classe operária ou a classe dos não-proprietários; plebe”<sup>20</sup>. Para finalizar o período, a voz narrativa afirma que kalunga/mar/colonizador só sabe fazer os colonizados sofrerem.

---

<sup>18</sup> Idem

<sup>19</sup> Idem

<sup>20</sup> Tal definição baseia-se no seguinte dicionário: [www.dicio.com/povo/](http://www.dicio.com/povo/)



Mourão (1978) apresenta um panorama histórico-literário que dialoga com a perspectiva apresentada acima sobre o negro, pelo fato de que no início do processo de colonização havia certo respeito para com o negro, pois eles moravam em cidade, eram considerados burgueses, com a chegada de um número expressivo de europeus a chamada burguesia negra perde seu posto e, conseqüentemente, é marginalizada e obrigada a sair da cidade rumo ao musseque. A sociedade angolana – colonizados e colonizadores – deixa de ser uma sociedade de classes para ser uma sociedade de casta, sendo o colonizado sempre subjugado.

Rememorar todos esses fatos rouba a alegria de João, o faz esquecer os bons momentos vividos, pois as marcas deixadas por Kalunga/mar/colonizador são indelévels e sempre voltam à tona.

A voz narrativa nos faz compreender que João compara a dor da colonização com a morte de sua primeira mulher. Tal fato reflete a morte e o sofrimento da África, de Angola, de Luanda que luta pela esperança do novo – o filho -, mas sua esperança é frustrada antes que o novo ocorra, quando Angola acreditou que estava livre depois da independência, eis que surge a Guerra Civil visando a luta pelo poder, proporcionando sofrimento seguido de sofrimento.

Ao reviver, por meio da memória, os fatos acerca da exploração e o sofrimento que representam o mar/colonizador, João sente náusea e vomita. O mar trazia o passado para o presente por meio da memória, e isto o fez enjoar e vomitar. Vale lembrar que o vocábulo “náusea” é o título do conto e por se tratar da linguagem literária recebe uma carga semântica diversa. Além de significar o sentido literal do termo, também representa o tempo de exploração que o colonizado estava dominado pela colônia e por não suportar tal situação, é tomado por náusea e vomita uma quantidade significativa de críticas ao colonizador, porém como afirma Macêdo (1999) trata-se de uma luta vã uma fatalidade contra a qual é impossível lutar:

A equivalência do mar à desgraça é a operacionalizada, na esfera das expectativas da personagem, como fatalidade contra a qual não ela pode lutar, apenas enjoar-se; mas, levando em conta que a náusea é também a expressão da revolta do colonizado, é possível realizar uma leitura em que a consciência possível do velho João é ultrapassada, vislumbrando as possibilidades de mudança da situação (MACÊDO, 1999, p. 51)

A náusea e o vomito é uma denúncia, uma manifestação contra a exploração. Além disso, é uma constatação da fragilidade dos africanos frente ao mar e seu grande poder.



### Considerações finais

A análise do texto literário “Náusea” tem a finalidade de apontar o mar como a personificação do colonizador, isso graças a estreita ligação que existe entre o mar e o processo de colonização, tendo em vista que ele, o mar, foi a via que os portugueses utilizaram para a colonização e, por isso, o mar é tido como inimigo.

Por meio da memória do personagem do conto – João – é possível realizar uma retomada histórica apontando algumas consequências da colonização, tais como a morte, a escravidão, a exploração, a migração da dita elite negra para o musseque e, especialmente, a fragilidade do povo angolano frente ao colonizador.

As considerações feitas sobre o conto nos fez refletir sobre o processo de colonização de Angola, resgatar alguns aspectos históricos por meio da literatura. Além disso, nos fez refletir acerca a importância da literatura engajada, pois por meio dela é possível pensar a sociedade e colocar quem vive à margem da sociedade como personagem central da literatura. Trata-se de uma percepção da literatura sob a óptica do vencido; o angolano, aqui, não é um pretexto na literatura é, na realidade, o personagem central, apresentando a realidade a partir de sua vivência.

### Referências

- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BHABHA, Homi. **The Vernacular Cosmopolitan**. Ed, Ferdinand Dennis and Nassem Khan. London: Serpent’s Tail, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Outro sobre Azul, 2006.
- CAETANO, Marcelo José. **Itinerários africanos: do colonial ao pós-colonial nas literaturas africanas de Língua Portuguesa**. *Revista de História e Estudos Culturais*, Vol. 4 Ano VI nº. 2, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. 6 reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CASSULE, Abel Francisco; BOIO, David. **Angola: breve incursão histórico-política dos principais partidos políticos (FNLA; MPLA; UNITA)**. *Revista Sol Nascente – Revista do centro de Investigação sobre ética aplicada*, 2012.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.



FERNANDES, Margarida. **Os textos e os contextos: as literaturas africanas de língua portuguesa entre a ficção e a realidade.** Departamento de Antropologia e Centro de Estudos de Cultura Lusófonas (CECLU) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: [ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6942.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6942.pdf). Acesso em 10 de janeiro de 2015

MACÊDO, Tânia Celestino. **Visões do mar na literatura angolana contemporânea.** Revista *Via Atlântica*, nº 3, São Paulo, 1999.

NETO, Agostinho. Náusea. In: **Estórias africanas. São Paulo.** Ática, 1980.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SILVA, Lidiane Moreira e. **O mar de memórias na poesia de Agostinho Neto.** Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VALERY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: **Variedades.** Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Iluminuras, 1991.

